

# O PROCESSO AVALIATIVO NA CONCEPÇÃO DOS ALUNOS DO 4º E 5º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL RAIMUNDA DE OLIVEIRA PASSOS

Samara Rodrigues Silva<sup>1</sup>

Maria Clemência Pinheiro de Lima Ferreira<sup>2</sup>

## Resumo

A avaliação da aprendizagem é um tema muito discutido, porém ainda necessita de reflexões mais profundas no âmbito escolar. É por meio dela que o professor observa sua ação e o desempenho de seus alunos, tendo um papel significativo na aprendizagem, pois é também uma forma da criança perceber a si mesma enquanto aprende. O objetivo geral deste trabalho foi analisar a concepção de avaliação que os alunos do 4º e 5º ano possuem. Os objetivos específicos foram: conceituar avaliação da aprendizagem e explicar as formas de avaliação; descrever o que a LDB fala sobre a avaliação; e identificar o que os alunos do 4º e 5º ano da Escola Municipal Raimunda de Oliveira passos em Anápolis pensam sobre avaliação da aprendizagem. A metodologia empregada consiste na revisão bibliográfica e a coleta de dados em campo; sendo que o instrumento utilizado foi um questionário com cinco perguntas junto a trinta crianças. O resultado demonstrou que a maioria dos alunos ainda acredita que a avaliação serve apenas para passar ou reprovar o ano, por isso sentem-se tão desconfortáveis nesse momento. O tema carece de mais discussões uma vez que entendemos que o comportamento e a postura do professor podem influenciar na compreensão e percepção que as crianças possuem sobre a avaliação.

**Palavras-chave:** Avaliação da aprendizagem, LDB, Concepção de avaliação.

## INTRODUÇÃO

Muito tem se falado e refletido sobre a avaliação da aprendizagem, porém o que se percebe é que a mesma não está centrada no processo de construção do conhecimento, por isso muitos acreditam que ela é um instrumento que classifica e desclassifica o aluno.

Segundo Sant'Anna (1995, p.7), a avaliação escolar é um instrumento que permite "o professor observar o conhecimento adquirido pelos alunos confirmando como os indivíduos envolvidos se encontram, e ela tem um papel significativo na educação".

---

<sup>1</sup> Acadêmico graduando do curso de Pedagogia da UniEVANGÉLICA;

<sup>2</sup> Mestre em Educação. Professora do ISE/UniEVANGÉLICA, Orientadora da Pesquisa

O interesse pelo tema, surgiu por meio das reflexões e aprendizagens adquiridas no decorrer da formação inicial no curso de Pedagogia, quando observamos por meio do estudo, que a avaliação é um tema complexo e de extrema importância, tanto para o trabalho do educador quanto para o educando. Partindo dessa realidade, surgiu o seguinte questionamento: se, a avaliação é um meio de observar o processo de aprendizagem, porque os alunos demonstram medo na ocasião da aplicação de provas? Desta maneira o estudo buscou analisar o que os alunos pensam sobre a avaliação.

Como objetivo geral o presente trabalho buscou analisar a concepção de avaliação que os alunos do 4º e 5º ano da Escola Municipal Raimunda de Oliveira Passos possuem. A fim de consolidar o objetivo geral, foi definido os objetivos específicos nos quais foram: conceituar avaliação da aprendizagem e explicar as formas de avaliação; descrever o que a LDB fala sobre a avaliação; e identificar o que os alunos do 4º e 5º ano da Escola Municipal Raimunda de Oliveira Passos em Anápolis, pensam sobre avaliação da aprendizagem.

A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica de autores que tratam sobre o assunto, e coleta de dados em campo. A técnica da pesquisa de campo foi realizada por meio de um questionário aplicado a trinta crianças da Escola Municipal Raimunda de Oliveira Passos sendo divididas em duas turmas, quinze alunos do 4ºano e quinze alunos do 5º ano.

## **1. Avaliação e suas características**

Vários autores, no decorrer dos anos com suas pesquisas sobre avaliação da aprendizagem, vem nos proporcionando contribuições para entendermos melhor esse componente da educação que dá o suporte para se completar o processo ensino/aprendizagem.

Segundo Rabelo (1998) o termo avaliação da aprendizagem ficou conhecido pelo trabalho de Ralph Tyler, mais ou menos na década de trinta, quando ele nos deixou uma nova concepção de aprendizagem. O autor conceitua que a avaliação tem dois lados; um lado se situa juízo, julgamento de valores e o outro tomada de decisões, porém os dois aspectos estão sempre presentes na proposta de avaliação. Ele defende

que toda avaliação precisa de objetos e critérios a serem avaliados e nas escolas o único objeto avaliado é o “aluno”, e algumas vezes o seu aprendizado, mas no processo de ensino e aprendizagem, deveriam ser avaliados os objetivos, os conteúdos, as propostas de intervenções didáticas e os recursos utilizados.

Rabelo (1998) classifica a avaliação em três formas:

**Avaliação Diagnóstica:** que procura identificar o perfil dos alunos antes mesmo de começar um trabalho com eles, e tenta detectar as dificuldades para o professor pensar em estratégias ou métodos de ação para obter bons resultados.

**Avaliação Formativa:** tem como fim levantar aspectos que possam contribuir para a melhoria da aprendizagem, ou seja, leva em consideração aspectos que contribuirão para a formação do aluno.

**Avaliação Somativa:** essa avaliação acontece de forma pontuada, muitas vezes é realizada em processos cumulativos, e no final faz-se um balanço das notas.

De acordo com Hoffmann (1998) a avaliação deve ser pensada como parte integrante do processo de formação, possibilitando diagnosticar e averiguar os resultados, levando em consideração os objetivos propostos, permitindo identificar algumas mudanças necessárias. Para ela, a avaliação tem um sentido orientador tanto para se observar o que o aluno está aprendendo, quanto para o professor fazer mudanças adequadas nos seus procedimentos de ensino, para que aja o aprendizado significativo dos alunos. Ela defende que a avaliação precisa ser contínua e regularmente modificada e readaptada, para que o aluno possa superar as suas dificuldades.

A autora classifica avaliação como:

**Avaliação Classificatória:** como o próprio nome diz, acontece muitas vezes de maneira comparativas, e não valoriza o saber do aluno, pois tem a função de promoção, com caráter selecionador.

**Avaliação Mediadora:** tem a finalidade de levar o aluno a refletir, permitindo a troca de conhecimentos entre professor e aluno, ou seja nesse processo o educador é o mediador, e a avaliação acontece como forma de registro durante todo o processo de ensino aprendizagem.

Rabelo (1998) concorda com Hoffmann (1998) sobre o fato de que a avaliação deve ser contínua e que se deve considerar os vários aspectos do desenvolvimento do aluno, mas o autor faz uma crítica, na qual, ressalta que em discursos escolares é comum falar que a avaliação será contínua e que considerará estes fatores, porém nem sempre isso acontece na prática. Hoffman(1998) acredita que ainda se tem a ideia de comparação dos alunos quando se trata de avaliação, ao invés de ser observado o seu rendimento na aprendizagem.

Já no entendimento de Luckesi (2002) a avaliação escolar é um suporte, e tem que estar a serviço de uma prática pedagógica que esteja preocupada com a educação e a transformação social. Segundo o autor “A avaliação é um ato de investigar a qualidade dos recursos intermediários ou finais de uma ação, subsidiando sempre sua melhora” (LUCKESI, 2002, p.165).

Luckesi (2002) defende que existem dois objetivos da avaliação nas escolas: o de auxiliar os educandos no desenvolvimento pessoal, a partir do ensino/aprendizagem, e ao mesmo tempo de responder à sociedade pela qualidade do seu serviço, mas esses dois objetivos só fazem sentidos se estiverem caminhando juntos.

Ele classifica a avaliação em:

**Avaliação Diagnóstica:** é usada como um instrumento que proporciona informações do aluno antes mesmo dele iniciar o processo de ensino, buscando auxiliar cada aluno em seu desenvolvimento.

**Avaliação Classificatória:** nesse processo de avaliação apenas alguns conseguem o processo do saber; essa avaliação acaba sendo autoritária e impede o desenvolvimento e a transformação social

Já para Libâneo (2013) a avaliação escolar é:

[...] o componente do processo de ensino que visa, através da verificação e qualificação dos resultados obtidos, determinar correspondências destes com os objetivos propostos e, daí, orientar a tomada de decisões em relação às atividades seguintes. (LIBÂNIO, 2013, p.217)

Libâneo (2013) classifica a avaliação em três funções:

**Função pedagógico-didática:** refere-se aos objetivos gerais e específicos do planejamento escolar, porém deve estar em conformidade com a transformação social. Ela ainda contribui para a assimilação e fixação.

**Função Diagnóstica:** permite identificar as limitações e as dificuldades dos alunos, pois essa ocorre no início, durante e no final do desenvolvimento das aulas, permitindo o professor refletir sua atuação.

**Função de Controle:** são os meios de frequência das verificações da aprendizagem do aluno, possibilitando o diagnóstico das situações didáticas, e no decorrer das aulas há uma interação entre professor e alunos.

Segundo o autor essas três funções não podem ser consideradas isoladamente, pois atuam de forma interdependente; deste modo a função de controle sem a função diagnóstica e sem seu significado pedagógico-didático, a avaliação se limitará simplesmente na atribuição de notas e na classificação.

Já para Krug (2015) a avaliação tem algumas funções como: fornece base para o replanejamento e manter um sistema de controle para corrigir desvios e atentar diferenças individuais no ajustamento sócio cultural. Para o autor, “avaliação significa ações, julgamento de valor atribuído a partir de diferentes medidas aferidas com os alunos.” (KRUG, 2005, p. 29)

Ele classifica a avaliação em dois tipos:

**Avaliação Formativa:** O professor acompanha o progresso individual do aluno, em todas as disciplinas, e esse tipo de avaliação deve ser contínua e ao mesmo tempo servir de base para o educador verificar a aprendizagem do aluno.

**Avaliação Somativa:** essa deveria ser efetuada no final do período escolar, como o próprio nome diz, contando todos os trabalhos, as participações e as avaliações, também deveria servir para o professor refletir sobre seus objetivos.

Entretanto, quando pensamos em avaliação podemos caracterizá-las em dois modelos: a avaliação tradicional na qual para Hoffmann (1998) é a que exige a memorização, notas altas, obediência e passividade, ou seja o aluno é passivo e o professor é o detentor e transmissor do conhecimento. E a avaliação inovadora, ou seja na qual o aluno é ativo e o professor é o mediador, essa avaliação tem o objetivo de observar a apropriação do conteúdo que o aluno adquiriu.

Com base em todos esses autores que defendem concepções de avaliação, podemos refletir que esta é um processo didático que se faz necessário no trabalho docente, sendo um suporte para o educador acompanhar o aprendizado dos seus alunos. Podemos observar que a avaliação escolar é uma prática que requer muita atenção e compromisso dos professores. Neste sentido, percebemos que os autores comungam com a ideia de que a avaliação é uma forma do professor diagnosticar seu trabalho, observando o aprendizado do seu aluno, para auxiliar nas futuras mudanças na construção do aprendizado significativo.

Para Moretto (2010) A avaliação, não deve ser uma situação de ameaça ou um acerto de contas, deveria servir para o professor observar os avanços ou não de seus alunos e captar o que eles de fato aprenderam sobre o conteúdo estudado.

## **2. Avaliação segundo a LDB**

A Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº9394/96 (BRASIL,1996) ao longo dos seus 92 artigos estabelece alguns procedimentos avaliativos que são necessários e se tornam obrigatório nos sistemas educacionais. A avaliação no Ensino Fundamental é contemplada, diretamente no artigo 24, no inciso V, a seguir transcrito:

Art. 24. A educação básica, nos níveis fundamental e médio, será organizada de acordo com as seguintes regras comuns: V- a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios: a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais; b) possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar; c) possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado; d) aproveitamento de estudos concluídos com êxito; e) obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos. (BRASIL, 1996, p.18)

Segundo Carneiro(2015) a verificação da aprendizagem escolar é considerada um dos meios mais importantes na escola, pois nesse ambiente é preciso levar em consideração o contexto social e individual do educando para atender às necessidades básicas de aprendizagem dos alunos; assim a verificação acaba sendo um suporte para

o ajustamento do projeto político-pedagógico, não tendo como objetivo selecionar ou classificar alunos

O autor explica que existem dois tipos de avaliação na LDB: a qualitativa e a quantitativa. A avaliação qualitativa baseia-se no processo contínuo e cumulativo; já a avaliação quantitativa não tem o processo de mediação, ela busca mais a aferição do conhecimento contextualizado. Nesse sentido, podemos observar com base na lei que o processo avaliativo deve ter a sustentação dos dois critérios de avaliação, no qual os critérios qualitativos prevaleçam sobre os quantitativos. A lei deixa claro que não se deve reduzir a avaliação a uma simples prova, ela deve ser contínua; nesse sentido deve ter um papel de investigação e reflexão das ações desenvolvidas em sala.

A avaliação também aparece no artigo 13, nesse parágrafo aparece como responsabilidades dos docentes, principalmente no inciso III e IV que serão transcritos:

Art.13 Os docentes incumbir-se-ão de:  
I-participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;  
II-Elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;  
III-Zelar pela aprendizagem dos alunos;  
IV-Estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento;  
V-Ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;  
VI-Colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade. (BRASIL,1996, p. 15)

Segundo Carneiro (2015) na escola ninguém faz nada sozinho, a responsabilidade passa a ser de todos, é uma ação coletiva, na qual é sempre voltada para o desenvolvimento do aluno. No inciso III, percebe-se que o professor é o responsável de observar a aprendizagem do aluno, portanto como diz Moretto (2010) a avaliação não deve ser um acerto de contas, e nem deve ser usado como um instrumento de pressão para manter uma disciplina em sua aula, pois a escola deve pensar no desenvolvimento de seus alunos, o que de fato estão aprendendo e quais as suas dificuldades ou seja oferecer condições para que se tenha o aprendizado significativo, relacionando esse inciso com o IV, ou seja, o processo de avaliação serve

para auxiliar o professor a diagnosticar a dificuldade de seus alunos e a rever métodos pedagógicos para que eles tenham uma aprendizagem, portanto, o educador tem sempre que refletir sobre seus procedimentos pedagógicos.

Segundo Moretto (2010) a avaliação faz parte do ensino e da aprendizagem, porém, para muitos professores, esse tema é angustiante, por não saberem como transformá-lo em um processo que não seja apenas uma cobrança, na qual o aluno “decore” conteúdos para ganhar notas, não tendo nenhum significado depois. Nesse processo, infelizmente não são apenas os professores que ficam angustiados, os alunos também sentem muito medo, ficam ansiosos, muitas vezes acabam esquecendo o que estudaram. De acordo com o autor, a avaliação da aprendizagem tem que ter coerência com o que foi ensinado, só assim o educador saberá se seus objetivos estão sendo alcançados.

### **3. Avaliação na perspectiva dos alunos**

Para a efetivação dessa pesquisa foi realizada uma coleta de dados em campo, por meio de questionários com os alunos do 4º e do 5º ano de uma escola pública do município de Anápolis-GO. Ao todo foram trinta alunos participantes; em duas turmas, todas elas responderam às perguntas de livre espontânea vontade, sendo explicado ao grupo que a identidade de cada um seria preservada. Para isso, foi feito um termo de sigilo e na descrição dos dados, cada participante foi nomeado com letras e números, sendo A1 (aluno 1); A2; A3 e assim sucessivamente. As crianças responderam ao questionário em sala de aula e este permeou o objeto desta pesquisa: analisar a avaliação escolar na perspectiva dos alunos do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental. A seguir os dados serão descritos e analisados a partir do referencial teórico.

A primeira pergunta do questionário foi: Você compreende por que é avaliado na escola e por que tem que fazer provas em períodos de tempos determinados? Comente.

Foi possível observar nas respostas dos alunos do 4º ano, que eles voltaram a sua compreensão do que é avaliação como uma norma da escola para adquirir notas para classificação. Como exemplos seguem algumas respostas. O aluno A4 escreveu: “Para passar de ano”; o aluno A5 escreveu: “Sim, eu acho que é porque nós

precisamos ganhar pontos e passar de ano”; e o aluno A10 escreveu: “Sim para dar notas”.

Segundo Hoffmann (1998) e Luckesi (2002) a avaliação que tem um caráter seletivo, é a avaliação classificatória; para os autores essa avaliação não auxilia no crescimento da aprendizagem do aluno e nesse método; são poucos os que alcançam o saber enquanto os outros ficam estagnados. Esse tipo de avaliação muitas vezes é acompanhado de frustrações.

Luckesi (2002) defende que para os pais, alunos e alguns professores, a avaliação da aprendizagem ainda tem a atenção centrada para a promoção no avanço das séries. E para o sistema de ensino não é diferente, ou seja, o que importa são os percentuais de aprovação. Segundo o autor se os alunos interessam apenas por notas, eles não se importam muito com a forma como irão consegui-la, se por meio de memorização ou por qualquer forma. O fato é que esse aluno não terá um aprendizado significativo e o que vai prevalecer são os valores das notas. Quando isso acontece a avaliação escolar perde de vista o seu objetivo principal que é o de ensino/aprendizagem.

Pudemos observar que a avaliação para os alunos é o sinônimo de passar ou reprovar de ano. No entanto, em nenhum momento foi possível identificar que eles compreendem qual é a relação dos valores da nota com a aprendizagem em si.

Já nas respostas dos alunos do 5º ano, para essa primeira pergunta pudemos observar que alguns demonstram outra compreensão, ou seja que a avaliação é uma forma de “medir” o que foi aprendido ou não. Fica claro que alguns deles compreendem que esta faz parte de um processo de ensino aprendizagem em que os alunos precisam mostrar o que aprenderam. Como exemplo o aluno A5 escreveu: “Sim, é o jeito de saber se nós temos dificuldades em alguma matéria”; o aluno A7 escreveu: “Sim, porque assim desta forma iremos ver se o aluno tem dificuldade”; e o aluno A12 escreveu: “*Sim para ver se aprendeu*”.

Segundo Krug (2015) a avaliação tem três funções gerais que são: a de fornecer base para o replanejamento, quando o professor observa que seus alunos estão com dificuldades na aprendizagem; manter um sistema de controle para corrigir desvios; e por último atender diferenças individuais no ajustamento sócio cultural. O autor ainda

ressalta que o professor deve ser o mediador do processo da aprendizagem, tendo o dever de observar as dificuldades encontradas nos alunos para escolher estratégias adequadas para a intervenção pedagógica, que alcance melhor os objetivos pretendidos.

Para Haydt (2006) a avaliação dos alunos está ligada diretamente ao desenvolvimento do trabalho do professor, pois ao avaliar o que seus alunos aprenderam o educador estará avaliando o que ele conseguiu ensinar. Deste modo avaliando as dificuldades e os avanços da aprendizagem deles, o educador poderá reorientar sua prática pedagógica, afim de contribuir e melhorar a qualidade de ensino aprendizagem do indivíduo.

Analisando as respostas dos alunos do 5º ano, pudemos perceber que a turma tem um conceito elaborado e uma percepção mais madura da avaliação como um instrumento para o professor diagnosticar em que aspectos seus alunos têm dificuldades. Essa deve funcionar como um feedback para o educador refletir e pensar em alguns métodos para melhorar sua prática pedagógica, e gerar melhor resultado de aprendizagem.

A segunda questão feita para os alunos foi: Como você é avaliado? Comente. Foram apresentados como alternativas: provas, participação, trabalhos e nenhuma das alternativas como espaço para descrição de outras formas de avaliação. A tabela 01 abaixo demonstra as formas que os alunos intendem e percebem que são avaliados. Os alunos podiam assinalar mais de uma alternativa.

Tabela 01:

	Provas	Trabalhos	Participação	Nenhuma das alternativas
4º ano	15	09	12	0
5º ano	13	14	12	0

A opção prova foi assinalada quinze vezes pelos alunos do 4º ano e treze vezes pelos alunos do 5º ano; a opção trabalho foi assinalada nove vezes pelos alunos do 4º ano e quatorze vezes pelos alunos do 5º ano; a opção participação foi assinalado doze vezes pelos alunos do 4º ano e doze vezes pelos alunos do 5º ano; a opção “nenhuma

das alternativas” não foi assinalada pelos alunos. Essas são as estratégias que os professores utilizam para avaliar, ou seja, provas, trabalhos e participação.

Segundo Libâneo (2013) os professores fazem coleta de dados, para perceberem o desempenho e aproveitamento dos educandos, utilizando-se de provas, exercícios e tarefas ou outros meios auxiliares, como observação de desempenho, entrevistas, etc. Neste caso, dentre as diferentes funções, tais estratégias servem para a verificação de aprendizagem.

Para o autor, o que se observa na prática educativa, é que na maioria das vezes os professores limitam a avaliação apenas por meio de testes e provas, estabelecendo pontualmente os conteúdos que já foram ministrados. No entanto, deveria ser levado em conta o desempenho das crianças no decorrer das aulas, ou em outras demonstrações de aprendizado, como: trabalhos de grupos, atividades em laboratórios e manifestações positivas da evolução cognitiva para então, se compor a nota.

Haydt (2006) defende que as avaliações devem fazer parte da rotina, e do processo ensino-aprendizagem. Sendo a avaliação realizada periodicamente por meios formais (provas) e informais (trabalhos, exercícios, participação, aplicação de conhecimentos, etc.) ela se tornará como um incentivo para as crianças. Mas, só terá sentido se os alunos conhecerem os seus progressos e dificuldades, para avançar na construção do conhecimento. Portanto, se o aumento de provas e trabalhos visar apenas as notas, não vai melhorar o aprendizado do aluno, e serão números sem significados. Na sequência de escolhas dos instrumentos de avaliação, os participantes podiam tecer comentários.

Para alguns alunos, a avaliação por meio de prova, trabalhos e participação é uma forma de atribuição de nota, sem muito significado. Como exemplo o aluno A7 comentou: *“Eu acho que é bom fazer prova, porque passa de ano e ganha nota no boletim”*; o aluno A10 comentou: *“Poderia mudar”*; o aluno A6: *“Por que com as provas nós ganhamos nota, e por que é necessário a participação para ter mais chance de passar de ano”*; o aluno A9 comentou: *“Não gosto de ser avaliado”*.

Pelas respostas dos alunos, pudemos observar que apesar dos professores utilizarem mais de uma estratégia de avaliação, não foi possível analisar se o uso de vários instrumentos diferentes decorrem de uma preocupação em auxiliar o diagnóstico

de como está se dando o processo de aprendizagem ou apenas para quantificação gerando nota para o boletim, como defende Haydt (2006). Esta análise não é possível porque não entrevistamos os professores.

A terceira pergunta do questionário foi: Como você pensa que o professor poderia te avaliar? Comente. As opções eram: prova, pesquisa, participação, trabalhos, nenhuma das alternativas como espaço para descrição de outras formas.

A tabela 02

	Provas	Pesquisa	Participação	Trabalhos	Nenhuma das alternativas
4º ano	12	05	12	10	0
5º ano	13	14	12	08	0

A opção prova foi assinalada mais pelos alunos do 4º ano, sendo doze vezes por eles e oito vezes pelos alunos do 5º ano; a opção pesquisa foi assinalada mais pelos alunos do 5º, sendo cinco vezes pelos alunos do 4º ano e dez vezes pelos alunos do 5º ano; a opção participação foi assinalada praticamente igual pelas duas turmas, sendo oito vezes pelos alunos do 4º ano e sete vezes pelos alunos do 5º ano; a opção trabalhos foi assinalada dez vezes pelos alunos do 4º ano e oito vezes pelos alunos do 5º ano; a opção nenhuma das alternativas teve índice zero, não foi assinalada pelos alunos.

Foi possível perceber nas respostas marcadas pelos alunos do 4º ano que a maioria prefere como instrumento a prova, acompanhadas de trabalhos, participação e pesquisa. Como exemplo, transcreverei o que alguns alunos no 4º ano comentaram. O aluno A01 comentou: *“Prova, trabalhos e participação, porque é mais fácil”*; o aluno A13 comentou: *“Prova, porque sou confiante nas provas”*.

Já os alunos do 5º ano assinalaram mais o instrumento de pesquisa, acompanhados de provas trabalhos e participação. Como exemplo o aluno A02 comentou: *“Trabalhos, para saber mais das nossas qualidades”*; o aluno A03 comentou: *“Participação, porque seria mais fácil participar de todas as coisas”*; e o aluno A04 comentou: *“Prova, porque já basta”*.

Segundo Haydt (2006) a avaliação deve ser para o aluno um instrumento estimulador e motivador de interesse, levando-o a ter um maior aproveitamento em sua aprendizagem. Uma grande preocupação que permeia a avaliação é que ela não deve ser uma punição, então sempre que os alunos forem avaliados, independente do instrumento a ser utilizado, o professor tem que mostrar ao educando seu progresso e sua dificuldade, dessa forma a avaliação contribuirá para a construção de conhecimentos.

Diante das respostas e dos comentários feitos pelos alunos, observamos que as crianças não conseguiram pensar e sugerir outras formas de avaliação; continuaram citando os mesmos instrumentos já utilizados pelos seus professores. Esses instrumentos segundo Haydt (2006) e Libâneo (2013) podem e devem ser usados, porém depende da finalidade de cada uma.

A quarta questão feita para os alunos foi: Como você se sente ao ser avaliado? Comente. As opções apresentadas eram: medo, ansioso, nervoso, inseguro, tranquilo e nenhuma das alternativas. A tabela 03 abaixo demonstra o sentimento presente nos alunos no momento da avaliação. Os alunos tinham possibilidade de assinalar mais de uma opção.

Tabela 03:

		Medo	Ansioso	Nervoso	Inseguro	Tranquilo	Nenhuma das alternativas
4º ano		03	06	07	02	07	01
5º ano		04	06	05	0	05	0

A opção “medo” foi assinalado três vezes pelos alunos do 4º ano e quatro vezes pelos alunos do 5º ano; a opção “ansioso” ficou empatado pelas duas turmas, na qual foram assinaladas seis vezes; a opção “nervoso” teve um grande número de votos, foi assinalado sete vezes pelos alunos do 4º e cinco vezes pelos alunos do 5º; a opção “inseguro” foi assinalado duas vezes pelo alunos do 4º ano e nenhuma vez pelos alunos do 5º ano; a opção “tranquilo” foi assinalado sete vezes pelos alunos do 4º ano e

cinco vezes pelos alunos do 5º ano; a opção “nenhuma das alternativas” foi assinalada uma vez pelos alunos do 4º ano e 0 pelos alunos do 5º ano.

As respostas seguidas dos comentários dos alunos, nos mostram o quanto o processo avaliativo gera diferentes impressões e sensações. Como exemplo o aluno do 4º ano, A4 que comentou: “*Nervoso e tranquilo, porque a professora briga as vezes*”; o aluno A8 comentou: “*Nervoso e ansioso. Para saber se minha nota foi boa*”; o aluno A12 comentou: “*Medo e inseguro. Eu sinto muito medo porque não sei se vou tirar notas boas*”.

Os comentários dos alunos do 5º ano não foram muito diferentes; temos como exemplos o aluno A3 que comentou: “*Ansioso, nervoso e medo, tudo ao mesmo tempo. Porque nunca se sabe*”; o aluno A4 comentou: “*Tranquilo. Porque eu estudo, daí fica bem fácil*”; o aluno A10 comentou: “*Com medo de tirar notas baixas*”.

Luckesi (2002) acredita que o motivo dessas reações e esses sentimentos negativos presentes nos alunos na hora das avaliações, acontece, quando a escola usa a avaliação de forma autoritária, como um instrumento para ameaçar os alunos e discipliná-los, causando na maioria das crianças medo; nervosismo; preocupação. No entanto, é necessário que a avaliação da aprendizagem deixe de ser usada como recurso autoritário e passe a cumprir seu significado, o qual é de diagnosticar as dificuldades dos alunos, para auxiliar o professor a fazer mudanças adequadas em sua prática pedagógica impulsionando o aprendizado dos alunos.

Moretto (2002) relata que todos os professores sabem que o momento da avaliação para os alunos é muito complicado, pois todas as emoções se misturam. O sentimento de ansiedade, medo, angústia, alegria, tensão, estresse e outros. É por essa razão que o autor argumenta que os educadores têm que dispor de recursos capazes de criar condições para que o aluno fique calmo e se sinta mais tranquilo na ocasião.

Analisando as respostas dos alunos do 4º e do 5º ano, podemos observar que o sentimento não muda muito em relação a avaliação. Segundo Luckesi (2002) os alunos constroem uma concepção errada em relação a avaliação escolar, pois eles ainda não compreendem que a avaliação não é uma forma do professor prejudicá-lo, e sim deveria ser para ajudá-los.

A criança A4 do 5º ano respondeu que diante da avaliação escolar ela fica tranquila, porque ela estuda, mas, aí surge uma inquietação: essa criança estuda para obter notas, ou para realmente obter o aprendizado? Segundo Libâneo (2013) a nota não é o objetivo de ensino, é apenas o aproveitamento do aluno em uma escala, em relação aos objetivos propostos, porém para a nota fazer sentido ao aluno, este deve conhecer sua situação, ou seja, deve ser comunicado sobre seu diagnóstico, que mostrará os progressos e o que precisa ser melhorado; só assim ele compreenderá o seu desenvolvimento escolar.

A quinta pergunta do questionário foi: Você está feliz com suas notas? Por quê? Foram apresentadas as opções “sim” e “não” para os alunos assinalarem. A tabela 04 abaixo demonstra a satisfação dos alunos em relação as notas adquiridas.

Tabela 04

	Sim	Não
4º ano	13	01
5º ano	12	03

A maioria dos alunos responderam que estão contentes com suas notas, sendo que a opção “sim” foi assinalada treze vezes pelos alunos do 4º ano e doze vezes pelos alunos do 5º ano; já a opção “não” foi assinalada uma vez pelos alunos do 4º ano e três vezes pelos alunos do 5º ano; um dos alunos do 4º ano não quis responder a essa questão, por isso o total final dos participantes foi vinte e nove e não trinta.

Analisando as respostas dos alunos do 4º foi possível observar que eles não acham difícil tirar notas boas, depende do interesse de cada aluno para estudar e participar das aulas; como mostram os comentários dos alunos do 4º ano. O aluno A1 comentou: “*Sim, porque é fácil as provas*”; o aluno A5 comentou: “*Sim, porque eu participo*”; o aluno A11 comentou: “*Sim, eu tiro boas notas*”.

Diante das respostas assinaladas pelos alunos, nota-se que ambas as turmas estão felizes com suas notas, pois, praticamente não houve diferença nas respostas, mas, no 5ºano, o número de alunos que não está feliz com as notas foi um pouco mais alto; alguns comentários demonstram essa insatisfação. O aluno A1 comentou: “*Não, tá*

*muito difícil a prova*"; o aluno A10 comentou: *"Não, porque eu ganho peia se eu reprovar de ano"*.

Segundo Luckesi (2002) para os alunos, a avaliação está ligada a aprovação e reprovação, por isso que eles se interessam tanto pelas notas. Quando se inicia o ano letivo, os alunos já querem saber qual a média que devem atingir para passar de ano, e depois que os alunos atingem esse alvo, não se interessam mais com o aprendizado.

Esta última pergunta nos remete à ideia de que a boa auto estima ou a baixa autoestima estão ligados diretamente com o que os alunos sentem ao se depararem com suas notas; quando eles tiram notas altas automaticamente ficam felizes, e quando tiram notas baixas é possível observar a tristeza, e a insatisfação do aluno.

Muitas vezes a nota baixa e a reprovação desmotivam o estudante; em alguns casos pode se perceber que o próprio aluno se considera "burro", ou que vai repetir de ano; por isso é tão importante a avaliação da aprendizagem ser diagnóstica, quando o professor poderá perceber as dificuldades do aluno e apresentá-las sem o "peso" do desempenho com a nota fazendo com que este alcance melhor aprendizagem, tornando o ambiente da escola algo motivador.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Refletir sobre a avaliação da aprendizagem realizada no contexto escolar, não é uma tarefa fácil, pois podemos observar que esse processo sempre foi uma preocupação presente no sistema de ensino, e também para os professores, pais e alunos.

A avaliação faz parte das ações de ensino e aprendizagem, e deve servir para auxiliar o educador a diagnosticar e compreender o processo de aprendizado de seus educandos. Portanto, ela não é centrada apenas no aluno, é também uma forma do professor avaliar suas ações e seu trabalho pedagógico, refletindo se, de fato, os alunos aprenderam o que lhes foi proposto. Sendo assim, a avaliação da aprendizagem não pode ser uma forma de punição, e sim, um acompanhamento da aprendizagem do aluno.

Na lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9394/96 (BRASIL,1996) temos bem claro o quanto a avaliação é significativa no processo de ensino/aprendizagem, tanto

para a função docente, como para a criança. No caso do professor, é por ela que este se coloca como observador do seu aluno ao longo do processo e para a criança é uma forma de percepção de si mesma enquanto aprende. Por isso, em um dos seus artigos, a legislação se refere ao ato da avaliação contínua e cumulativa. Conforme a lei, o processo da avaliação não deve servir para apenas quantificar o aluno.

No que se refere a avaliação da aprendizagem, é possível perceber o peso que a nota tem. O sistema de ensino cobra das escolas um percentual de notas, a escola por sua vez cobra do professor, este cobra de seus alunos, e os pais cobram dos professores e dos seus filhos com foco na promoção de série. Aos alunos o que resta é apenas o pronunciamento sobre seu desempenho escolar, como se este fosse o único envolvido no processo de ensino aprendizagem.

O presente trabalho se empenhou na tentativa de mostrar o que os alunos do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental pensam sobre a avaliação da aprendizagem, pois eles são os personagens principais do processo avaliativo. Uma das reações que mais nos chamou a atenção foi o fato de que, ao entrar na sala e explicar sobre o questionário, os alunos se sentiram avaliados, ficando agitados e com medo da nota em que iriam tirar. A partir dessas reações ficou claro que esses alunos participantes compreendem a avaliação como uma forma de aferir o que foi ensinado, por isso, esse momento é tão carregado de medo.

Percebemos que a avaliação ainda foge do seu propósito verdadeiro, mas seria impossível fazer uma análise de todos aspectos da avaliação neste trabalho; porém fica o desafio para o aprofundamento de uma pesquisa que proponha analisar a respeito da postura e comportamento do professor em relação a avaliação, ou seja se este tem atitudes de cobrança ou prestação de contas, a ponto dos alunos se sentirem pressionados, cobrados e com reações emocionais de medo e pavor, como pudemos observar nas crianças participantes desta pesquisa, mesmo não se tratando da aplicação de uma prova, mas de um “corriqueiro” questionário. Se estes comportamentos se instalam desde a infância, o quanto não poderiam prejudicar o próprio processo de aprendizagem ao longo da vida escolar?

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

CARNEIRO, Moaci. **LDB Fácil**: leitura crítico-compreensiva, artigo a artigo. Rio de Janeiro: Editora vozes 2015 HAYDT, Regina Célia. Curso de didática geral. São Paulo: Editora Ática, 2006.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora**: Uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

KRUG, Dircema; KRUG, Arno. **Avaliação**: Por quê? O quê? Como? Curitiba: Editora J.M, 2015.

21

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Editora Cortez, 2013

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Didática Geral**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2013.

MORETTO, Pedro. **Prova**: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2010

RABELO, Edmar Henrique. **Avaliação**: Novos tempos, novas práticas. Petrópolis-Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como avaliar?** Critérios e instrumentos. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1995.